

OS MELHORES DE 2019

TEATRO

Isabelle Huppert interpretou no CCB, em Lisboa, "Mary Said What She Said"



LUCIE JANSCH

As palavras gentis

O teatro em 2019, entre casos exemplares e estimulantes invenções

TEXTO JOÃO CARNEIRO

N

um dos espetáculos que constam da lista deste ano, há uma personagem que diz, a certa altura: "Quem viver daqui a 100 ou 200 anos, aqueles para quem nós estamos agora a abrir o caminho, será que eles se vão lembrar de nós com palavras de carinho? Não... não se vão lembrar de nós!" É uma espécie de pergunta retórica, uma maneira melancólica de negar o desespero do esquecimento e a falta de sentido da vida.

De uma maneira muito mais modesta, alguns dos espetáculos deste ano têm qualquer coisa a ver com aquela afirmação. "Mary Said

What She Said", um magnífico texto de Darryl Pinckney, uma magnífica interpretação de Isabelle Huppert, uma magnífica encenação de Bob Wilson, é o testemunho e o exemplo de um trabalho que ultrapassa o do 'grande encenador' para ser o trabalho de um grande criador, que marcou de maneira incontornável o teatro contemporâneo; foi apresentado durante o Festival de Almada. Por outro lado, "Oleanna" e "Canja de Galinha" são dois exemplos do melhor que o teatro português teve nas últimas décadas; curiosamente, quer Ricardo Pais quer Luís Miguel Cintra, dois dos maiores encenadores portugueses vivos (e dizer 'encenador' não dá conta de todo o trabalho destes dois artistas), além de subitamente esquecidos do panorama institucional do 'nosso' teatro, trabalharam este ano em originais circunstâncias: Ricardo Pais produzindo "Oleanna" totalmente à

sua custa; Luís Miguel Cintra, como ator, num espetáculo produzido — sem financiamento público, o belo "Tio Vânia", de Tchekov, encenado por Bruno Bravo, com os artistas a trabalhar 'à bilheteira'. Resta-nos esperar que as pessoas se lembrem deles, no mínimo, "com palavras de carinho". "Ibsen House", numa produção do International Theater Amsterdam, pode ainda fazer parte deste grupo, na medida em que é, também, um caso exemplar, exemplarmente mostrado no T.N.D. Maria II, em Lisboa: uma competente rescrita do universo dramático e literário de Ibsen, e um conjunto de virtudes essenciais no teatro: direção de atores, cenografia, figurinos, desenho de luz e (nomeadamente) de som. "Ballyturk" foi o resultado do encontro de Jorge Silva Melo com uma extraordinária peça. "Incêndios" foi, seguramente, um dos primeiros contactos do público

Escolhas João Carneiro

MARY SAID WHAT SHE SAID

De Darryl Pinckney
Encenação de Bob Wilson

OLEANNA

De David Mamet
Encenação de Ricardo Pais

CANJA DE GALINHA (COM MIÚDOS)

A partir de Camilo Castelo Branco
Encenação de Luís Miguel Cintra

IBSEN HOUSE

Texto e encenação de Simon Stone

BALLYTURK

De Enda Walsh
Encenação de Jorge Silva Melo

TIO VÂNIA

De Tchekov
Encenação de Bruno Bravo

INCÊNDIOS

De Wajdi Mouawad
Encenação de Victor de Oliveira

KAROSHI

Texto e encenação de Guilherme Gomes/
Teatro da Cidade

PURIFICADOS

De Sarah Kane
Encenação de Gonçalo Carvalho

DAVE, QUEDA-LIVRE

Texto e encenação de Tiago Lima

português com a escrita teatral de Wajdi Mouawad, numa produção vinda de Maputo, com encenação de Victor de Oliveira — três horas e meia de pura ação textual, em total exposição do trabalho dos artistas. "Karoshi" (além de "Agora, que o Carro do Sol Já Passou", um espetáculo para crianças), um texto criado coletivamente e com organização final de Guilherme Gomes, foi a marca do trabalho continuado do Teatro da Cidade, que tem vindo a inventar um teatro novo sem fingir que nasceu do nada. "Purificados", pelo Palco 13, ressuscitou Sarah Kane, com enorme sobriedade e eficácia (e Gonçalo Carvalho, o encenador, mostrou ainda um trabalho igualmente depurado com "Variações Sobre o Modelo de Kraepelin", de Davide Carnevali, tudo no Teatro da Politécnica). "Dave, Queda-Livre" foi o puro prazer da novidade, inteligente e promissora. ●